A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

Ano II—Numero 95 Preço avulso 1 Escudo 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES

MICAS-GOUVEIA

A

Mulher das 100 prisões!

A grande heroina do crime acaba de prefazer o seu "centenario" no Governo Civil.
Alguns aspectos da sua "arite"

O DOMINGO *ilustrado*

ANO II — N.º 95

LISBOA 7 DE NOVEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO ilustrado*

DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*

REDACÇAO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS - Rua D. Pedro V 18 - Telefone 631 N. - EDITOR *JULIO MARQUES* - IMPRESSÃO - Rua [illegible] 15)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Novo ano lectivo

Numa destas manhãs enevoadas reabriram os liceus, cuja pletorica frequência causou espanto geral. Centenas, milhares de rapazes começaram, debaixo da chuva miudinha, o seu novo ano de «maçadas», que é, em ultima analise, a maneira como a nossa esperançosa juventude classifica a necessidade de andar com livros debaixo do braço. Daqui a meia duzia de anos haverá mais alguns milhares de diplomados com o curso dos liceus. Mais alguns milhares de bocas esfaimadas perante a mesa do Orçamento; mais alguns milhares de aspirantes ás delicias da burocracia. Em compensação, haverá menos umas centenas de carpinteiros, serralheiros, marceneiros, etc. A quem atribuir as culpas dêsse futuro mas inevitavel agravamento do nosso desequilíbrio social? A's familias mal orientadas ou aos Govêrnos maus orientadores? A resposta parece-nos fácil.

A rapariga que não come

Já correu mundo a noticia do «Noticias». *Comoedia*, o grande quotidiano francês, já publicou um eco sôbre a rapariga portuguesa que não come ha sete anos.

E' facto que lhe mudou o nome de Vicência para Estrela, que a disse bonita e *coquette*, quando ela é feia e desmazelada, mas tudo isso não obsta a que tivesse chamado a atenção sôbre a gente portuguesa. Atendendo a que muito afamado respresentante de Portugal no estrangeiro tem andado por êsse mundo e pela Sociedade das Nações, á razão de algumas libras por dia, sem que do seu nome reze a crónica dos jornais parisienses, propomos que a tal jovem Vicência, moça lá das terras de Beirã, seja agraciada com um grau elevado de qualquer ordem honorifica.

E não propomos que se lhe ofereça um banquete de homenagem devido ao caracter especial dos seus méritos.

O «bota-abaixo» dos mercados

Revestiu aspectos de mutação teatral o arrazamento de alguns mercados de Lisboa. Oxalá que, como a Fénix lendaria, êles não renasçam das proprias cinzas. Bastou uma boa vontade para arrancar á cidade êsse estigma de atrazo e de incúria. Alguns mercados eram cartazes onde os estrangeiros liam palavras bem pouco lisongeiras para o nosso orgulho pátrio. Agora, urge dar á parte da cidade vizinha dos cais aspectos modernos, higiénicos, dum caracter que, embora tenha raizes nacionais, esteja bem integrado na moderna estetica citadina.

INDIFERENÇA

— A menina gostaria que sua mãe viesse a ser minha sogra?

— Não me importava nada... se eu tivesse uma irmã!

Má língua

OS MERCADOS

Tem-se dicto—e eu não sou supersticioso
mas a evidencia causa-me afflicção...—
que o festejar de um vulto prestigioso
lhe prejudica um tanto a duração.

Será culpa de Némesis? Assim
se chamou noutros tempos, cuido eu,
uma senhora que marcava o fim
de quem nadava em cheio no apogeu.

Seja o que fôr, o certo é que por vezes
sobre os grandes magnates festejados,
breve cahem agruras e revezes
—como agora acontece co'os mercados.

Quem se não lembra dos reaes festejos
ainda no outro dia promovidos
com tal delirio de épicos lampejos
que nunca mais nos sahem dos ouvidos!?

Um foguetorio de oito entrelinhado
em louvor de «princezas» e «rainhas»
—tão respeitoso e tão alevantado
que era um regalo ler nas entrelinhas...

Um fremito de intensa commoção
a apossar-se dos nossos sentimentos
a arfar de coração a coração
como na era dos Descobrimentos...

Um mystico fervor de vassalagem
ante a figura ideal de Ilda Fernandes
que em cada luso grangeava um pagem
por ter uns attractivos muito grandes...

A gente já fallava nos mercados
como em alturas do melhor exemplo;
—como os velhos christãos martyrizados
fallariam accaso do seu templo!

O Paraizo, e outras coisas futeis,
desfaziam-se em pó, cinza, e caliça,
tanto as folhas de parra eram inuteis
onde abundavam folhas de hortaliça.

Pois a despeito deste preito feito
com tão ruidosa e linda devoção
o gesto de um governo insatisfeito
condemnou-os agora... á Remoção!

Horror! Então os pobres alfacinhas
hão-de aceitar a prepotencia infrene
que assim os força a procurar «rainha»
entre menos esterco e mais hygiene?

Então aquelle aroma capitoso
que nesse Aterro azul nos maravilha
—mais meiga e subtilmente venenoso
que o da tão afamada mancenilha?

Hade perder-se esse cheirinho antigo
—alem de outras virtudes de chupêta—
ante o jacto possante e inimigo
de uma horrenda e maleavel agulhêta?!

Ai de nós! Ai de nós! quanto finorio
que sentia um prazer occulto e vivo
ao pensar que um mercado provisorio
p.risso mesmo era definitivo,

Agora chora lagrimas em fio
saccando o tabaqueiro da rabona
e olhando os signaleiros do Rocio
com saudades sem fim do Paiva e Pona!

Emfim. Não valem prantos e queixumes
sahindo em brados ou brotando a esguicho.
Accendam castiçaes de quatro lumes
os que amando nostalgicos perfumes
eram felizes no barril do lixo!

TAÇO

questão prévia

DECIDIDAMENTE ha cavalheiros que, empoeirados pelo espirito de contradição caracteristico da raça, se julgam em pleno seculo de Pericles e querem fazer-nos supôr que são gregos de gabardine, passeando sob os porticos das Atenas alfacinhas, filosofando e discreteando sobre arte, emquanto as Firnés passam de vestido «tailleur» e sapatos cubistas.

Vem este desabafo a proposito das novas moedas de um escudo e de cincoenta centavos, que timidamente estão por aí circulando.

Ha dias, num electrico—local rolante onde decorre uma boa parte da vida do lisboeta—dois sujeitos de idade, que se tratavam simpaticamente por rapazes, atacaram o problema estetico e pratico da amoedação e da circulação fiduciaria, sob o ponto de vista metalico e papelifero—como diria o «Cauteleiro fardado», futuro mestre da lingua portuguesa.

Ao aproximar-se o condutor, com a implacavel pergunta, sublinhada pelo implacavel gesto de pôr o alicate aos peitos do passageiro: «O senhor, tem?», pois ao aproximar-se o condutor, um dos sujeitos sacou duma bolsinha de couro uma moeda de cincoenta centavos, das novas, é claro, para pagar o seu bilhete.

O outro arregalou para ele um olho pavido:

— O' rapaz, tu tens disso?—e apontava as moedas com um dedo, que devia ter sido o mesmo que escrever as palavras fatidicas na parêde, durante o festim de Baltazar.

O interpelado, colhido de surpreza, quasi teve vergonha de se utilisar das moedas novas:

— Sim, eu cá, tu bem vês, dão-m'as e, como o outro que diz.

— Pois eu não aceito!

— Tu, rapaz? Então porquê?

— Porque são uma vergonha... Tu já reparaste neste cunho? Um cunhado destes envergonha o pais que o usa nas suas moedas.

— Eu não quero dizer que não, mas ha cunhados piores... Eu, como tu sabes, meu rapaz, tive um cunhado que até batia na minha irmã que, coitadinha, teve a desgraça de casar com ele.

— E' que tu bem compreendes, meu rapaz: a arte deve estar acima de tudo, mesmo do dinheiro amoedado. Era assim no nosso tempo.

— Sabes, em todo o caso, acho as moedas preferiveis ás notas... com aquele sêbo todo.

— Não digas isso, meu rapaz... não há nada que chegue ás cedulas e ás notas. Teem outra estetica e dão outra comodidade, mesmo rôtas que sejam.

Deus me perdoe se eu me engano e calunio, mas quasi ia jurar que na manhã desse mesmo dia, num outro electrico, vi o mesmo sujeito de idade recusar, ao condutor, num troco de vinte e cinco tostões, uma nota de cincoenta e duas cedulas de vinte centavos, com o pretexto de que estavam cosidas a pontos naturais com mortalhas zig-zag, o que lhe não aproveitava—explicou—porque só fumava cigarros feitos.

ECOS

A casa de Portugal na «Cité Universitaire»

Junto da Universidade de Paris, na chamada «Cité Universitaire», há um terreno destinado para a casa de Portugal, que seria o lar dos estudantes portugueses no grande centro intelectual. Infelizmente, a quantia de 100.000 francos votada, há tempos, pelo Parlamento, para a respectiva construção, é hoje insuficientissima. Seria de toda a conveniencia reforça-la, para que não se perca a única probabilidade de pôr os estudantes portugueses pobres em contacto com a mais rica intelectualidade latina. Agora que, entre nós, tanto se fala em reformas de ensino, seria talvez oportuno pensar na necessidade de facilitar o mais possivel, de facilitar até ao impossivel, a precária situação dos nossos estudantes universitarios que, por muito distintos que sejam, por muito inteligentes e esperançosos, não encontram meios de ir pelo menos até Paris, espreitar a Europa por conta do Estado, por conta da sua terra que muito poderiam honrar.

A circulação dos automoveis e a policia

De vez em quando, a policia toma deliberações sôbre a licença que teem os automoveis para subir ou descer determinadas ruas. Como os «chauffeurs» não são prèviamente avisados dessas deliberações, acontecem alguns casos edificantes, como testemunho do nosso espirito «prático».

Há dias, quisemos ir ao Terreiro do Paço, esperar um barco de Barreiro. Como o tempo escasseasse, tomámos um «taxi», no Largo de S. Mamede. Sem obstaculos, avançámos até á esquina do Chiado para a Rua do Almada, por onde, até êsse dia, desciam os automoveis. Ai, um civico mandou seguir pela Rua do Carmo.

No Rocio, Largo Camões, etc., varios civicos impediram a passagem para a Rua Augusta ou para S. Domingos. Nos Restauradores, a mesma scena. Resumindo, só na Rua das Pretas o «chauffeur» poude cortar caminho. Resultado: gastámos mais tempo e muitissimo mais dinheiro do que se fossemos de carro electrico, e chegámos ao Terreiro do Paço já tarde e a más horas. Moralidade: «Se queres ir depressa vai a pé...

NA ESCOLA

— Se eu dum numero inteiro tiro quatro vezes um quarto, o que é que fica?

— Não sei...

— Então... se corto um pecego em quatro bocados e os como, o que fica?...

— Ah!... um caroço!...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

TERRAMOTOS PERIÓDICOS

Passou ha dias um dos muitos aniversarios do conceituado terramoto de 1755. Demonstrado como está por todas as sindicancias que eu não tive nêle a menor responsabilidade, sabido

que, mercê das ordens de Sebastião José, os mortos estão enterrados e os vivos têm quem deles cuide, porque não hei-de tirar algumas conclusões da catastrofe pombalina? Uma delas é que é profundamente lamentavel, sob o ponto de vista da estetica citadina, o terramoto não se ter reproduzido periodicamente sem perdas de vida, é claro. Dizia um jornal no dia do aniversario: —«Uma das vantagens do terramoto foi ter-se podido construir a Baixa.» Ora se tivessemos, de dez em dez anos, um terramoto de cuja data fossemos todos avizados com tempo, de modo a esquivar o corpo, e que deitasse abaixo tudo quanto de feio, de fragil, de inconfortavel se tivesse construido nessa década, as sucessivas reconstruções acabariam por faser de Lisboa uma cidade formosa, como nós desejamos que ela seja.

Dir-me-ão que esta acção por terramoto é demasiadamente violenta. E' que, amados irmãos, não ha meio de esperamos outra proficua. Podem suceder-se na Camara as edilidades, funcionarem comissões de estetica. Os resultados são sempre os mesmos. Lisboa constroe-se feia, feia, triste e feia...

P. S. Este pequeno desabafo provem das primeiras chuvas terem encontrado as minhas canalisações e eu ter padecido inundações caseiras pitorescas mas incomodativas. Isto dos terramotos todos os dez anos era a brincar.

CEM PRISÕES

Uma senhora, dum porte que não oferece a minina duvida, atingiu na semana ultima a bonita soma de cem prisões. Alguns jornalistas que sofrem de enterocolite muco-membranosa e são, portanto, dum caracter sombrio e melancolico, deram em contar na prosa das suas gazetas a vida singular da senhora das cem prisões.

Evidentemente cem prisões não se conseguem assim do pé para a mão. E' persistencia, perseverança e sequencia de ideias. Depois é necessário tempo. A quatro prisões por ano são indispensaveis vinte e cinco anos, toda uma existencia.

Não resta a menor duvida que devemos prestar homenagem aos meritos dessa *recordwoman*; mas quando vere-

mos nós nos jornaes, em vez de papel perdido com marafonas, assassinos, gatunos sem envergadura, algumas colunas dedicadas ao esforço colectivo das pessoas de bem que nunca foram presas e fazem a diligencia para o não ser? Que uma mãe crie e eduque com o sangue das suas veias sete filhos, isso é uma cousa que ao publico duma gazeta não interessa. Nunca vemos o retrato duma dessas heroinas, que as ha aí pelos cantos. Entretanto estamos habilitados a reconhecer na rua as gatunas ilustres de forasteiros, as sovaqueiras notáveis, etc. Talvez, se não fossem essas extravagantes publicidades, não houvesse tanta coleccionadora de prisões.

O SEGREDO

Terra admiravel a de Portugal para guardar um segredo. Levanta-se alguem de manhã cêdo e, tendo sobre a consciencia uma noticia de maior ou menor importancia, começa a sentir-se mal disposto. Ainda hesita meia hora até que, já não podendo mais, começa desabafando com os seus botões, com os das ceroulas, que são aqueles com quem se trata com mais intimidade.

Esses botões, depois de terem comentado á boca pequena a noticia recebida, acabam por se descair e falarem mais alto. Os dos suspensorios, que são vizinhos de ao pé da porta, ouvem uma coisa no ar e não descançam emquanto não sabem o resto. Escuso dizer-lhes que á tarde o botão do colarinho e o das botas já estão ao facto de tudo e quando o segredo de um ou de poucos passou a ser o da abelha, o mais curioso é que, falando-se á bocca cheia do caso, todos tomam um ar sibilino, piscam o olho misteriosamente e afinal o segredo toda a gente o sábe, com a convicção absoluta de que o vizinho ignora.

Conheci um rapaz, por tal sinal actor, que tinha como creado um diabo surdo como uma duzia de portas. Todas as noites, no seu camarim, feito de tabiques, o artista fazia recomendações ao surdo e gritando como um possesso, explicava:—«Mas olhe, sr. Fulano, não quero que isto se saiba cá no teatro. Ouviu? Ouviu?...

E' o caso, pouco mais ou menos.

ALGUNS PEQUENOS PENSAMENTOS

A virtude consiste quasí sempre em não fazer qualquer cousa. Os virtuosos são, no fundo, uns preguiçosos.

* * *

Quando certos fulanos nos dão um aperto de mão, ha sempre vantagem em contar os dêdos depois.

* * *

A quem não tem nózes Deus dá sempre duas fieiras de dentes, como aos tubarões.

ANDRÉ BRUN

TRANSFORMAÇÃO

— *Então como ficou o senhor com a morte de sua mulher?*
— *Ai, não me fale nisso... fiquei... viuvo!...*

ESTÀ NEURASTENICO?

DISTRAIA-SE COMPRANDO

O «DOMINGO» ilustrado

TROPAS NEGRAS, pelo Major Francisco Aragão.

Já tive ocasião de me referir a esta obra, que considero, em tudo, digna do nome glorioso que a subscreve.

E' uma pormenorizada dissertação sôbre as vantagens de organisar um efectivo de tropas coloniais constituido por indigenas. E, ao mesmo tempo, é um brado eloquente e autorisado, em defeza das nossas colonias, um dos problemas de mais urgente interesse nacional.

DURANTE A GUERRA, por Eduardo Moreira.

Uma curiosa colectânia de artigos versando assuntos de caracter economico, que ainda não perderam a sua oportunidade de discussão e que, durante a guerra, foram de capital importância.

Tereza LEITÃO DE BARROS

OS NOVOS

SILENCIO

Não creias meu silencio motivado
Por desamôr. Não julgues que o motivo
De me guardar assim meditativo,
Seja descrença ou duvida,—ou enfado!

Não vejas nas palavras lenitivo,
Não queiras este amôr banalisado,
Pois toda a gente tem balbuciado
Essas frases vulgares de que te privo

Quando o fôgo do amôr em nós se ateia,
A febre do desêjo nos enleia
E fortes comoções nos avassalam,

Abrem-se as almas, anciosas, loucas,
Cerram se os olhos p'ra beijar as bôcas,
Calam-se as bôcas quando os olhos falam!

VASCO DE MATOS SEQUEIRA

NA ESCOLA

— *Cite-me quatro animais ferozes.*
— *Três tigres e uma pantera...*

AS LAMPADAS ELECTRICAS

SÃO AS MAIS ECONOMICAS E AS MAIS RESISTENTES.

Á VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

Curiosidades

O CHOCOLATE EM FRANÇA

O chocolate, que foi trazido para a Europa por espanhois estabelecidos no México, apareceu em França por ocasião do casamento de Luís XIII. A rainha usou-o muito e a nobreza logo a imitou. E é claro que custava muito caro. Muito poucas pessoas sabiam prepará-lo.

Luís XIV não o apreciava nada e quís, mas sem resultado, que a rainha partilhasse desta antipatia.

O chocolate provocou apaixonadas discussões. Em 1661, a Faculdade de Medicina de Paris pronunciou-se abertamente em seu favor. Gozava já duma grande voga. M.me de Sévigné, a escritora célebre pelas suas cartas, foi sua fervorosa paladina. Durante a regência de Filipe de Orleans, os cortesãos eram admitidos ao «*Chocolate de Sua Alteza Real*». Diz-se que Voltaire tomava doze chavenas de chocolate, por dia, e que Napoleão o bebia constantemente, quando trabalhava até alta madrugada. Assim, vê-se que em menos de dois séculos o chocolate conquistou foros de nobreza.

UMA FOTOGRAFIA CURIOSA

Em Annecy reside uma familia onde pode observar-se um facto curioso e bastante raro: dessa familia fazem parte cinco pessoas, representando cada uma delas uma geração. Com efeito, M.me Griffaut tem oitenta e cinco anos e é trisavó; sua filha, M.me Blaudin, tem sessenta e seis anos e é bisavó; sua neta, M.me Rieder, tem quarenta e quatro anos e é avó; sua bisneta, M.me Rigaud, tem vinte e dois anos e é mãe duma pequenita chamada Genoveva Rigaud, nascida a 29 de Junho de 1926. No penultimo numero da Ilustracão Franceza vem um grupo fotografico representando as quatro senhoras e a pequenita Genoveva.

ESPERAR UM MESSIAS

Esperar um Messias é uma frase feita que significa esperar com fé uma pessoa capaz de nos salvar. A origem da expressão é a seguinte: A palavra *messias*, sem maiuscula, designava, entre os hebreus, os reis, os profetas, os sacrificadores, etc., visto que vem do termo *maschiach*, que, como as palavras grega e latina *Khristos* e *Christus*, significa o *ungido* e pode, portanto, aplicar-se a todas as pessoas consagradas pela unção. Mas, empregado em sentido absoluto, o nome de *Messias* qualificava o *Libertador* que Deus prometera a Adão para resgatar o homem da sua queda, o *Redentor* anunciado pelos profetas e cuja vinda era esperada não só pelo povo judeu, mas por todos os povos do Oriente. No espirito dos hebreus havia a idéa, sobretudo quando sofriam o cativeiro de Babilonia, de que o Messias, o Christo, o enviado de Deus, o desejado das Nações, devia ser um rei poderoso, mais glorioso que Salomão, capaz de os livrar do jugo e restaurar a pátria judia. Por isso não reconheceram o papel messianico de Jesus, o caracter divino da sua missão e, matando-o, continuaram a esperar e a implorar a vinda do Messias.

Estudantes

OS estudantes estão na ordem do dia. Reabriram escolas, liceus, universidades. Começa o suplicio dos caloiros, que consiste em sofrerem, da parte dos «veteranos», tôda uma série de brutalidades, dum gôsto muito duvidoso. Em Coimbra, na velha Universidade, ainda se admitem algumas «partidas» que, apesar de bastante falhas de graça, teem a desculpa de serem já tradicionais. Em Lisboa, porem, o caso reveste aspectos duma franciscana pobreza de espirito. Mas, deixando tão desinteressante assunto, vejamos alguns costumes universitarios de renome mundial e de seculares origens.

O estudante alemão tem costumes dum sabor especial e absolutamente arcaicos. Na velha Universidade de Heidelberg, por exemplo, frequentada por gente de tôdas as camadas sociais, desde os principes de sangue ao estudante qúasi faminto, há hábitos que se manteem, inalteráveis, ha centenas de anos. O caloiro tem lá o nome de *mulus* ou *macho*. Os estudantes, que não querem ou não podem fazer parte de nenhuma associação chamam-se *obscurantes* e são desdenhados pelos outros. Os membros dos *korps* ou *burschenschaften* (grupos de estudantes com direito de cidade nas velhas cidades universitárias) usam, em forma de colar, por cima do colête, uma fita com a largura de dois dedos e formada pelas três côres da sua associação. Estas associações teem, para as festas oficiais e para o domingo, uniformes variados: tunicas de fantasia bordadas a ouro, dragonas, *dolmans* com alamares doirados sôbre o hombro esquerdo, calções apertados de pele de gamo e botas com joelheiras e enormes esporas.

São muito frequentes os duelos de estudantes. No meio do circulo de colegas, os dois contendores procuram ferir-se no rosto. Todo o alemão que se julgar belo deve ter cicatrizes na face, e o velho Bismarck, cheio de tôdas as honras, orgulhava-se das suas cicatrizes de estudante.

A' noite a cerveja corre a jorros, para celebrar a vitória e a derrota. Os estudantes do último ano engorgitam três quartos de litro, duma só vez. O estrangeiro admitido no cenáculo depois duma cerimónia imponente tem as honras do *wiedercome*, enorme recipiente cheio de cerveja onde mergulha os lábios e que passa em volta da mesa de bôca em bôca, até estar completamente vasio. Esvasiam-se então tonéis inteiros de cerveja. Se a meia noite está prestes a soar, espera-se ouvir as horas para vêr se algum conviva é capaz de esvasiar tantos copos como horas dá o relógio.

Os estudantes do mesmo *burschenschaft* vivem juntos e passeiam acompanhados pelos enormes cães da associação. Os *burschen* são filhos de familia que podem despender bastante dinheiro por ano.

Os estudantes ingleses conservam religiosamente os costumes e habitos da Idade-Média. As duas grandes Universidades de Oxford e Cambridge são como que republicas dentro dum país monarquico. São administradas por um Senado composto de universitarios. O trajo do estudante é a toga de sarja e um bonet ou *schepske* com borla; o das estudantes é o mesmo. Há duas especies de estudantes: os *pollmen*, ou os que se contentam em obter o diploma, e os candidatos ás honras universitarias. Estes não habitam, em geral, nos colegios da Universidade. Teem inumeros *clubs*, o que não admira, atenta a facilidade com que os ingleses se grupam em tôrno de qualquer idéa. Teem *clubs* de *sport*, politicos, mundanos, etc. Mas o grande *club* é a União, onde cada novo socio é apresentado por varios padrinhos. Dependente da União está a *Debating Society* onde os estudantes fazem conferencias e alguns se exercitam para a vida politica. O *sport* é uma das grandes manifestações, senão a maior, do estudante inglês, e é conhecido em todo o mundo o *match* anual de rêmo, que implica longos treinos, entre as Universidades de Oxford e de Cambridge, no rio Tamisa.

As Universidades americanas adoptaram muitos hábitos das inglesas. E' na America, o país dos milionarios, que há as mais ricas universidades. Prodigamente dotadas por antigos alunos—que passam a ser os reis do ouro, do aço, da prata, dos caminhos de ferro, etc.—vivem muito mais do que desafogadamente. Ha Universidades onde a duração dos estudos é ilimitada. Os estudantes habitam, no caso de quererem, pequenas casas, chamadas *dormitories*, constituidas por um quarto, um escritório e uma sala de banho. Ao contrário do que sucede na Alemanha, os estudantes mais modernos não são vitimas da tirania dos antigos e, quando muito, se um caloiro falta ao respeito a um veterano, é condenado a castigos ridiculos, como o de rapar o alto da cabeça ou só um lado desta, de ajoelhar diante da primeira senhora que passa e oferecer-lhe uma flor ou sentar-se na lama, no meio da rua.

Os estudantes italianos, russos e espanhois, não teem costumes especiais e, em regra, praticam a melhor camaradagem.

Os estudantes das grandes universidade do Canadá vivem em soberbos edificios e numa liberdade absoluta.

O estudante holandez não conhece nem os *cafés* nem os *restaurants*. Passa o seu tempo nos *clubs*.

O estudante russo ocupou-se sempre de politica e nos centros universitarios foi amadurecida, durante longos anos, a idéa da revolução hoje triunfante.

Os estudantes japoneses, de Tokio, estão associados e êles é que impõem aos professores o assunto das suas lições. Interessam-se mais pelas sciências fisicas e naturais do que pela historia e filosofia.

CHAPEUS

Dantes dizia-se que para ter saude é preciso ter os pés quentes e a cabeça fresca. No inverno, o problema do aquecimento dos pés é o mais importante. Mas no verão, o mais interessante é o da cabeça fresca. Recentemente, fizeram-se experencias com sete especies de chapeus usados pelos homens, para vêr qual é o que mantem a cabeça numa temperatura mais agradavel. Apurou-se que o melhor é o «panamá», um pouco fora de uso. Depois, vem o chapeu de palha macia. Depois o de palha dura. Em quarto lugar, aparece o chapeu alto, quasi completamente fora de moda. Seguem-se o chapeu mole, o de côco, e o *képi* militar. Constatou-se que, nas mesmas condições, há uma diferença de perto de doze graus de temperatura entre o calor da cabeça coberta com um *képi* militar e o da cabeça que usa um *panamá*.

AS FLORES DO BAMBÚ

Todas as especies de bambús teem uma raís subterrânea cujos nós produzem, para fora da terra, tufos de hastes que se desenvolvem com prodigiosa rapidez. Há algumas hastes que, em um só dia, atingem a altura de 1 metro. Estas hastes, que tão depressa crescem, só florescem nma vez, depois de existirem ha mais de cincoenta anos. Por isso, a semente do bambú é rara e a propagação da planta, por seu intermedio, é pouco empregada. A maioria das variedades de bambu, mesmo as de mais bela especie, vivem tão bem na Europa como nas montanhas do Thibet. Não é verdade que o bambú necessite de terrenos pantanosos; só nos terrenos de absoluta aridez é que não consegue atingir a sua altura natural, que é entre 15 e 20 metros.

UM CENTENARIO

Faleceu recentemente um americano, que contava cento e seis anos. Longe de ser um homem sóbrio, este individuo bebia desde os onze anos.

Tambem desde a mesma idade que fumava. Atribuia a sua boa saude ao mel, que consumia em grande abundancia. Há médicos, com efeito, que preconizam o mel como o melhor remedio contra as doenças intestinais, visto, segundo afirmam, os microbios dos intestinos serem incompativeis com essa substancia.

UMA CAPELA CURIOSA

Perto de Haye-de-Routot, no Eure (França), há uma capela construida no imenso tronco duma arvore, que tem, na base, mais de quatro metros de circunferencia. Nessa capela diz-se missa de tempos a tempos, e não há exemplo de ela ter sofrido qualquer desrespeito.

O estudante francês é o mais alegre e folgazão. O *Quartier Latin* é, ainda hoje, o riso de Paris. Os estudantes franceses não teem nenhum trajo especial e já nem sequer usam o bonézinho de veludo, que era, dantes, a unica manifestação do seu desejo de parecer excentricos.

CARTAS DE UM COMEDIANTE

TEATRO, CINEMA, GRAMOFONE, T. S. F.

Duas artes perfeitamente distinctas mas para as quaes é preciso que o publico se divida, a da «Scena muda» e a do «Legitimo Teatro», como a denominam os norte-americanos.

Os cinematografos multiplicam-se de dias para dias em toda a parte do mundo. A sua victoria consiste não só na expresão de uma arte elevada, mas tambem na faculdade de poderem proporcionar um passatempo agradavel, em minutos rápidos e por pouco dinheiro.

Ao passo que os cinematografos aumentam, diminuem os teatros. Transformam-se os grandes casarões em casas de espectaculo mais simples, com poucas ordens de camarotes — e até mesmo sem camarotes — onde sejam viaveis as representações leves, ràpidas, de peças de hoje, concisas como o requer a epoca que passa.

Teatro Classico, a não ser nos austeros teatros estipendiados pelo Estado, que os conserva pela mesma razão porque conserva os museus, só se admite ás dozes.

Já não temos a augusta calma dos nossos avós, que iam ao teatro uma vez por mez e que durante trezentos dias no ano se deitavam ás nove da noite, que sabiam digerir e desconheciam a vertigem, as nevroses...

O Gramofone, que surgiu logo após o Cinema, ou simultaneamente, reconduziu a casa o bom hurguez transviado. E durante muitos anos, uma sessão de gramofone depois do jantar era da praxe.

Do Gramofone passou-se á Pianola.

Mas havia sempre uma meia hora disponivel para a sessão de cinema.

Os teatros sofreram muito com a invasão do Cinema. Nas cidades que teimosamente se agarraram á tradição, a afluencia do publico aos teatros diminuiu.

Só os povos que se dispuzeram a acompanhar o nosso rythmo, instalando nos seus burgos os pequenos teatros, mantiveram intacto o culto da Arte Dramatica.

A T. S. F., porém, que já decretou a morte do Gramofone, está a prejudicar um tanto o «pequeno teatro», o Cinematografo, todo o divertimento ligeiro que é compativel com a corrente moderna.

A montagem de um aparelho de T. S. F. é relativamente barata.

Para muitos o grande entretenimento é ficar á noite em casa, a ouvir os concertos de Paris e de Londres.

Daqui a algum tempo estarão em moda as matinées dos teatros, dos cinemas, se estes quizerem atrair o publico a todo o custo.

Teremos o Reinado da Telegrafia Sem Fios, e, por muito tempo; até que as comunicações com o planeta Marte desvendem alguns outros entretenimentos para os nossos cinco sentidos — ou para o sexto, quem sabe?..

E então, um concerto pela T. S. F. será para nós passatempo tão intoleravel como são alguns discos de gramofone que deliciam a sensibilidade de muito boa gente em muito boas casas...

CARLOS ABREU

palestras de café...

UM GIRO NA EUROPA

POR muito pouco que se tragam impressões de viagem—é mister despeja-las. As impressões, as notas escritas são, para os leitores, como o frasquinho de cheiro ou o «souvenir» de cortiça em relevo e madre-perola que nos achamos na estrita obrigação de ofertar á familia, no regresso duma excursão insipida e cara.

Teatro de França.

Teatro da Alemanha!

Ha que dizer-lhes qualquer coisa. Ponhamos de parte as informações constantes dos que vão apenas ao Palais Royal e vendo o ultimo «vaudeville»—expressão sempre preciosa de Paris—afirmam com tranquila superioridade a decadencia do teatro francês.

Com efeito, sem mesmo recorrer ás consagrações firmes do teatro de comedia que a França ainda tem, ha que marcar pelo menos dois nomes de dramaturgos modernos, dessa nova escola de construção e de sobriedade—Jules Romain e H. Lenormand. O seu teatro, abordando os grandes problemas de filosofia e da psicologia eternos, tem a novidade de apresentar, sem o «chiqué» de antigas peças folhetinescas, a anedocta de teatros. E' como que a creação do «fait-divers» superior—a cuja expansão não é de certo extranha a influencia implacavel de François de Curel.

Le dictateur, que a comedia francesa, trémula, regeitou por «motivos politicos» e que é ha um mês o maior terror dos centros literarios de Madrid, de Paris e de Roma, pode tomar-se justamente como o segundo quadro do diptico soberbo onde «Knoch» figura como primeiro tabor.

A mesma sobriedade incisiva, a mesma figuração simbolista, o mesmo conflito superior de ideias e não de figuras episodicas, anima dum sobreo de humanidade á parte as duas peças.

Le dictateur, que a critica recebeu condicionalmente, é no entanto um dialogo do mais elevado timbre, e não raros jornalistas lembraram Corneille, ao falar dos três ultimos actos do Sr. Jules Romain.

.*.

Caso curioso! A Alemanha preocupada, cabisbaixa ainda na alta Baviera e no Rhur, pela presença enervante dos soldados de França, irritada profundamente pela grande chaga ainda viva da guerra—representa teatro francês. E' a unica concessão moral á França!

Vi Robert de Flers em Heidelberg—e li cartazes onde o proprio Charles Méré ganhara marcos-ouro.

No entanto em certas regiões não é prudente pôr nomes franceses no cartaz.

Com a propria acquiescencia dos auctores parisienses as companhias não os citam.

Apesar disso, os sorrisos franceses—a unica grande arma que a França ainda tem—vão distraindo os alemães durante o ocio efémero de construir canhões.

O HOMEM QUE PASSA

IMPRENSA

DR. FELICIANO SANTOS

O nosso querido e ilustre colaborador, sr. dr. Feliciano Santos, um dos primeiros nomes do moderno jornalismo e uma figura já marcante no teatro portuguez, a quem foi entregue a direcção do magazine «A Ilustração» editado pela casa Bertrand.

UM FILM DE CARIDADE

O ilustre sportsman engenheiro Nobre Guedes que acaba de fazer o protagonista dum film de caridade, que se exibirá brevemente no Tivoli e no qual entra um grande numero de individualidades da nossa sociedade elegante.

SALÃO FOZ
VARIEDADES E CINEMA
BOA MUSICA
OPTIMOS ARTISTAS
A melhor casa de espectaculos de Lisboa

Nacional

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha — o grande actor, o primeiro da sua geração. Adelina Abranches a comediante cujo nome dispensa elogios e Berta de Bivar, a artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araujo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte reportorio moderno.

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scéne» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brazileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espetaculos de Portugal.

Politeama

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia explendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empreza do arrojado e antigo emprezario Luiz Pereira.

Trindade

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com as companhia mais completa que possuimos. A grande Lucila, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais dificil reportorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

Avenida

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reeune o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parrisiense do seu estilo.

Hoje e por enquanto todas as noites «O pão de ló».

Gimnasio

O teatro mais moderno e mais europeu. A' frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjuncto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bôa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

Eden

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o «Cabaz de Morangos» peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Pereira e L. Oliveira.

Coliseu

A grande atração de novos e velhos. Uma formidavel companhia, egual ás melhoras do mundo, com todos os «azes» modernos das «artes de circo».

A maior sala de espetaculos da Europa. Conforto, emoção, espectaculo atraente, artistico e instrutivo. O grande divertimento das creanças grandes e pequenas.

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O escrito não tem fantasia. Com a auctoridade de jornalista consciencioso, posso garantir que é verdadeira a minha *novela*. Desenrolou-se tal qual a vou contar. Os personagens são bem conhecidos: dr. João Camoêsas e Eu. Isto é claro, sem *piada* ao Mussolini do sr. Antonio Ferro e aos *365 dias* de Fradique Mendes.

Agora peço licença para contar a pequena aventura de que fui protagonista.

Ano de graça de 1922. Era, então, redactor de *A Vanguarda*. Vespera de eleições. O Pedro Muralha, que andava contente com a expansão da gazeta, julgou azado o momento de se fazer uma entrevista com o ministro da instrução. Havia surgido um conflito academico.

— Quem ha-de ir? Quem não ha-de ir? perguntava, em solilóquio, o Muralha. E, como o pessoal da redacção não era muito, resolveu que fosse o Monforte—e fui.

O meu principal caracteristico naquele tempo, se o espelho não me enganou, era o sorriso alegre que me pairava constantemente nos labios, tornando-me atraente e estimado.

De caminho até ao Terreiro do Paço atrevi-me, como bom meridional, a dirigir galanteios ás mulheres que, de flanco, passavam por mim. Um tanto ou quanto satisfeito com a vida chegára ao portão do Ministerio. Trauteando uma modinha em vóga subi a escadaria. Na sala de espera, que, como toda a gente sábe, é um amplo corredor sem cómodo algum, um grupo de senhoras despertou-me a curiosidade. O serviço varreu-se-me da memoria. Para uma loura, de olhos azues gaulezes, fôra todo o meu pensamento. Os meus olhos dir-se-iam dois leões esfomeados por tragar aquela *frangainha*... Bom repásto, na verdade. O certo é que a *garota*, compreendendo a insistencia, ou o atrevimento do meu olhar, muito azougadamente, se me dirigiu, num á vontade que me deixou extatico, preplexo mesmo. Eu devia ter parecido aos olhos das outras uma figura de estatua ou um blóco de marmore.

— Porque me olha assim? perguntou-me.

Palavra que não pude articular um monossilabo. Passada a primeira impressão foi, a muito custo, que balbuciei algumas frases:

— Por... porque me impressionou. Por... porque é bela, enfim, porque tem todos os requisitos, todos os atractivos que fazem despertar interesse no homem.

— Ah! Sim! E eu que ignorava que era possuidora de joias tão raras. E desatou a rir á gargalhada—gargalhada infernal, anavalhante, que me fês arrepiar, que me fês tremer não sei de quê...

E todas as outras senhoras, percebendo o meu *fiásco*, fizeram côro com a gargalhada da Afrodite... Chamo-lhe Afrodite porque era mesmo uma tentação... Um gastronomo chamar-lhe-ia um apetite!...

Refeito do *incidente*, de olhos no chão, atravessei o grupo de meninas e dirigi-me a um continuo.

— O sr. ministro está no seu gabinete?

— Ainda não veio. Não deve, porem, demorar-se, respondeu-me desabridamente.

Mau grádo meu tive que tomar novamente a heroica resolução de atravessar o *terrivel* grupo. As rizadinhas e os ditinhos á boca *chiusa* continuavam—

e eu tremia como se, porventura, fosse tambem uma menina!

A fastidiosa espera atormentava-me. Não sabia se devia fumar ou se devia continuar a olhar para a senhora que, num mixto de praser e odio, eu já tanto queria, a despeito de ser troçado por ela.

Decidi olhar para o Encantamento. E ela, tem graça, correspondia, fazendo olhos de gata ajaneirada... Fiz-me forte e, resoluto, fui eu, desta vês, que me dirigi á fêmea.

— Senhora.

O grupo emudeceu. Ficara, quiçá, na expectativa.

— Que me quér? obtemperou ela, gracilmente.

— Sabe que me impressionou.

— Sim?! Gósto da sencerimonia. E você tambem me não é antipatico.

Exultei de alegria, e, a tal ponto, que deixei cair o chapeu de palha no chão. Uma outra pequena teve a gentilesa de mo apanhar. Agradeci—e prossegui no dialogo:

— Quem diria!...

— E' verdade

— A menina é...

— ... sou professora da Escola Normal Superior.

— Como se chama?

— Cecilia.

— Lindo nome. E eu que a tomava por aluna!...

— Obrigado.

— Não tem de quê. E' tão nova, tão gentil, tão cheia de mocidade, tão...

— ... cale-se, por favor, que me confunde. E você é estudante?

— Não, menina. Sou jornalista.

— Como se chama?

— Ivo de Monforte.

— Que nome aristocratico. E eu que o tomava por academico!...

— Já fui. E tergiversei—Venho entrevistar o ministro sobre o actual conflito dos estudantes.

— Que coincidencia! Tambem nós vimos tratar do mesmo assunto. Eu sou a delegada das professoras presentes, disse, indicando-me o grupo, que já estava familiarisado comigo.

Já falava sem dificuldade. O rosado das faces, que me queimava a dérme como ferro em brasa, tinha desaparecido.

Nestes comênos entrava o ministro, sobrançando uma pasta e de *malva* na mão. As meninas cumprimentaram-o respeitosamente; e eu seguiu-o. O continuo, porém, tolhera-me o passo.

— Um momento. Tem que esperar pela sua vês.

— Mas... eu sou jornalista. E identifiquei-me com o bilhete da policia.

— Não sei disso. Espera, como aquelas meninas.

Rendi-me á evidencia dos factos. E tomei ensejo de, novamente, falar áquela que o meu coração já elegêra para seu *proprietario*... Se ele há tanto tempo que andava com *escritos*...

— Então, não foi bem recebido? perguntou-me ela interessada.

— O continuo quér que eu espére, como as meninas... ripostei.

Mal, porém, eu tinha terminado a frase surgiu-me pela frente um fulano de altura regular, rôsto franco, mas com uma cicatriz na face direita, de olhos pretos, que delicadamente me mandou introduzir, bem como a delegada do grupo de professoras, no salão de estar. Era o chefe do gabinete. Ali, pouco esperámos. Já em frente do ministro, eu e ela, depois dos cumprimentos banais, S. Ex.ª disse sem mais preambulos:

—Veem pelo conflito, já sei.

E indicando a minha pessoa:

— Você o que não quér é estudar.

— Perdão, eu sou...

E S. Ex.ª logo, atalhando:

— E' um cábula.

— Está V. Ex.ª confundido...

— E' um cábula, já disse. Quér então nova epoca de exames, ahn!

E descarregou um sôco sobre a secretaria.

— Mas eu sou...

— O que senhor é sei-o eu. Irra!

E dirigindo-se á pequena:

— E a menina está nos mesmos casos.

Ela, aturdida:

— Porém, eu sou...

— E' outra cabula. Não quér estudar. Quérem novas epocas de exame para passeiarem mais á vontade.

E já indignados, de per si, dissémos:

— Mas, senhor ministro, eu não sou quem V. Ex.ª pensa.

— C'o a bréca! Então, quem são?

— Eu sou jornalista...

— E eu sou professora.

— Oh! Nesses casos eu inverti os papeis. Desculpem. O periodo eleitoral... (*mudança de tom de voz*). Pois, julgava-me em frente de dois grevistas, de dois cabulas. Ora! Ora! *(E levantando-se da sua cadeira, colocando as mãos por detraz das costas, passeou agitadamente na sala)*.

E resoluto:

— O melhor será passarem por cá amanhã, porque tenho todo o dia tomado por estudantes.

— Mas... Ainda me atrevi.

— Mas... se é para entrevista passe por cá amanhã. E a menina se vem por saber da situação da Escola, passe tambem por cá amanhã.

E a despedir-nos, abruptamente:

—De resto, tenho que presidir esta tarde a uma conferencia eleitoral.

Não tivémos outra *saída*—que foi sair... O grupo de meninas acercou-se de nós, e, como é de prever, ficou desapontado com a resposta do sr. Camoêsas.

Já na Arcada, ainda disse á minha eleita:

—E agora, para onde vai?

—Para casa.

—E poderei acompanha-la?—aventurei-me.

—Se lhe dou prazer! Móro em Bemfica.

Fiquei desapontado. Um balde de agua fria sobre as costas ter-me-ia dado o mesmo efeito. O amor, conduzido de electrico, nunca dá bom resultado. Descarrilla sempre. E' claro que não dei a perceber o meu intimo desgosto—reflexo da economia da carteira...—e disse-lhe:

—Imenso prazer. Hoje, porém, é que sou forçado, por motivos alheios á minha vontade, a não a acompanhar.

—Porquê?—objectou ela com o melhor dos seus sorrisos.

—Porque... porque o serviço é muito.

—Então... até amanhã.

—Sim. Até amanhã. E despedimonos friamente, apênas, como dois bons amigos. Estavamos na rua do Ouro.

UMA NOVELA CAPILAR COMPLETA

O reinado dos Figaros

Capitulo II, do DEPILAMENTO FEMININO

Pagina de observação e de ironia em que a fantasia não vai muito alem da realidade

A M.me B. M. e ao meu amigo, M. B., como reconhecimento pela boa camaradagem,

Foi a prudente retiráda e a cautelosa atitude do sexo masculino perante a furia cortante dos barbeiros, a debandada constante para a Gilete, como para uma redenção, que os fez desviar com maior persistencia, as atenções e as intenções depilatorias, para o farto manancial piloso que lhes apresentava o outro sexo.

D'ai uma verdadeira revolução nas cabeças femininas, um 5 d'Outubro capilar, uma transformação completa, uma loucura, uma hecatombe.

O córte do cabelo foi-se tornando um vicio e nas evoluções da moda, no odio crescente ás cabeleiras, primeiro em córte á Ninon, depois á Garçonne, por fim quasi á escovinha, ha senhoras que nos apresentam um aspecto desolador de pavorosa devastação e de ruina.

Os barbeiros triunfantes, afim de garantirem a vitoria, procuram dificultar o mais possivel o regresso dos cabelos, que por isso vão cortando, duma forma cada vez mais radical.

Sei dum pobre cidadão pacifico e absolutamente avêsso a tudo quanto sejam inovações, para quem esta moda tem sido um verdadeiro martirio.

Era dos fervorosos apaixonados dos cabelos fartos e abundantes e tinha assim um grande orgulho na cabeleira da esposa, senhora de longas e sedosas tranças.

Foi por isso com a mais funda magua e o mais alanceante desgosto, que ele soube do seu natural desejo, de se pôr tambem á moda.

E' claro que a sua oposição foi cerrada, tenacissima. Mas uma resolução feminina é sempre inabalavel, principalmente quando se trate de modas.

Ele, porem, sem desanimar, com lagrimas na voz e gestos de final d'acto, fez-lhe notar o vandalismo, a barbaridade que constituiria o córte desses incomparaveis cabelos que lhe rojavam no chão.

Mas a esposa, de antemão preparada para a luta, ripostou sem pestanejar:

— Essa agora! Talvez pretendas que trazendo a saia pelo joelho, traga o cabelo até aos pés! Devia ser bonito! Sim devia fazer uma linda figura...

Ele muito abalado, continuou na defensiva e já num desespero de vencido, pediu-lhe por tudo que o não fizesse.

Porem ela, como todas as mulheres, de teimosia muito maior do que os cabelos, bradou indignada:

— Pois fica sabendo que não admito esta desigualdade. Que autoridade tens tu para m'o pedir? Não usas os teus tambem cortados?

Ele fulminado, mas numa ultima esperança, jurou ainda que deixaria crescer os seus cabelos até fazer trança e de forma a inutilizar-lhe o argumento.

Mas a mulher impiedosa, fazendo notar que seria indigno—na epoca em que até os proprios chineses aboliam o rabicho—ele, pensar sequer, em semelhante solução, terminou por lhe chamar retrogrado, atrazado e—dados os seus proprios projectos capilares—um verdadeiro maricas.

Então ele, vendo emfim na vida, o momento propicio—talvez o unico—para lhe provar que o não era, acedeu.

Mas consumado o fatal cometimento o desgraçado não podia conformar-se.

E uma noite, todo sentimental, evocou os seus primeiros tempos de casado, o prazer que então sentia ao afagar-lhe as longas tranças, essas saudosas tranças que lhe lembravam sempre aquela quadra:

«Nas ondas do teu cabelo
Vou-me deitar a afogar.»

Mas a mulher enfadada, respondeu prosaicamente, que não devia carpir-se, porque o poderia fazer ainda. Ela continuava a ter ondas, não como as do mar, é certo, mas de Marcel.

Perante esta ironia atroz, ele não poude conter-se e saiu, afirmando com despreso que tais ondas agora, não chegavam sequer para lavar a cara.

Mas o seu martirio estava ainda no começo.

A esposa desde que pisára pela primeira vez uma loja de barbeiro, contagiada pela actual furia cortante, não descançou emquanto o marido não aboliu a barba á Guise, que ele tinha em grande estimação e depois o bigode, que apesar de defendido milimetro a milimetro, atravessou as varias fases de bigode á americana, depois á Charlot, terminando afinal como tinha começado, por não existir.

Então quando a mulher alguma vez o procurava no escritorio, ele temendo outra exigencia, declarava logo terminantemente:

—O' filha, agora tem paciencia mas não rapo mais nada...

Entretanto ia notando que a mulher diariamente sofria novas metamorfoses capilares.

Primeiro verificou que um ligeiro buço, que lhe dava certa graça, havia desaparecido por encanto e começou tambem a notar-lhe qualquer diferença nas proprias sobrancelhas.

E pondo-se de atalaia, observando,

procurando constantemente descobrir a causa da aparente mudança, descobriu certa manhã, horrorisado, ao acordar, que a mulher tinha deixado as sobrancelhas completamente estampadas no travesseiro.

Soube então que para substituir as proprias, ha muito cortadas, ela fabricava diariamente aquelas a nanquim.

Não podendo prever onde terminaria aquela crescente devastação, receioso pelo futuro, sem saber onde aquilo chegaria, vendo a mulher de cabeleira cada vez mais curta e reduzida, já de orelhas á vista como ele, de patilhas e cabelo cortado á ingleza, chegou a projectar vagamente um atentado dinamitista contra o barbeiro mais proximo.

De facto andava desolado; e vendo por toda a parte senhoras de cabeleira masculina, cigarro na boca, monoculo, bengala, gestos decididos, desembaraçados, discutindo, guiando automoveis, fazendo sport, pensava na dificuldade enorme que os vindouros hão de ter na distinção dos sexos.

Na verdade, não ha grande motivo para sustos, porque o sexo a que pertence, vai procurando acentuar essa diferença passando a usar todas as modas que as senhoras abandonam e a ter os gestos e atitudes que elas deixaram de ter.

Apesar disso o meu pobre amigo foi um dos que primeiro sofreram as consequencias, dessa crescente dificuldade.

Uma tarde ao entrar no seu armazem de viveres, ainda furioso pela ausencia dum marçano, que há 3 dias não punha lá os pés, ficou surpreendido ao ver que ele viera e perplexo ao ver o descaramento com que o rapaz se tinha instalado no escritorio.

O meu amigo parou entre portas, pasmado do á vontade do garoto.

Sentado num velho maple, fumava, tranquilamente recostado como um lord, entretido por certo a ver no ar as espirais do fumo do cigarro.

O patrão que por acaso voltára um pouco mais cedo do almoço, esteve ainda por momentos escolhendo o merecido correctivo para tal descaramento e tamanha semcerimonia.

O rapaz, de costas para a porta, enterrado na cadeira e deixando ver apenas a sua cabeça inconfundivel, de cabelo curto e eriçado, não se mexia.

O meu amigo avançou então cauteloso e em silencio e chegado junto da cadeira sem ser visto, ofereceu ao fumador uma daquelas estampilhas dignas de figurar na comemoração de qualquer data historica.

Mas imediatamente arrependido do seu gesto, num pavor mortal, intraduzivel, viu de pé na sua frente, em colera e pasmo a sua propria esposa, irritada, vermelha, furibunda, verberando-lhe o desconchavado gesto, a inexplicavel agressão.

Ele, perfeitamente desorientado nem sabia por onde fazer enveredar as suas explicações.

Por fim, titubeante, desculpou se:

— O' minha querida... deves convir... que não posso... não tenho o dom de adivinhar. Vi-te apenas a cabeça... e como hoje trazes o cabelo perfeitamente egual ao do rapaz... do João, que há 3 dias não vem cá... julguei que fosse... que era ele; bem vês... com o cabelo assim... em pé... cortado á escovinha...

— O que eu vejo é que estás muito atrazado, explodiu ela. Não vês que é o penteado á Hindemburgo... a ultima moda na Alemanha... o cabelo em brosse...

Apavorado, estupefacto, o meu pobre amigo tinha tambem n'aquele momento o proprio cabelo em brosse; mesmo todo ele, na verdade, estava «á brosse».

E muito palido pretendeu ainda desculpar-se:

— Mas como estava habituado a verte o penteado á garçonne ou lá o que é, bem vês que não podia supôr...

— A' garçonne!! Mas onde isso já vai! Há quanto tempo se não usa! Bem se vê que andas na lua...

— Compreendo, fez ele sucumbido; agora já se não usa o cabelo á garçonne, é á marçano. Compreendo a evolução e está bem, agora já estou prevenido; e se algum dia entrar no escritorio e vir aqui sentado algum careca, vou beijá-lo imediatamente, porque já sei que és tu, minha querida, que me esperas...

AUGUSTO CUNHA

As restantes pequenas, tambem, parcimoniosamente, baixaram os olhos—e foram andando.

E para *afogar tristezas*, como diria qualquer caixeirote apaixonado, fui de caminho até ao *Saavedra*, onde, entre o *brouhaha* dos boemios e o gorgolejar das torneiras, bebi uma *Pilsener* gelada.

Ah! se foi cerveja ou vinho é que não preciso bem. Todavia, como o leitor do «Domingo» deve gostar dos dois liquidos, relevará certamente a «falha» ao jornalista.

IVO DE MONFORTE.

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 3 3.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME	7 NOVEMBRO 1926

DR. FANTASMA

Apuramento do n.º 10 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. SIMPATICO

N.º 1 — 3 votos

N.º 2, de BAGULHO . . . . 2 votos
N.º 3, de D. GALENO . . . . 1 »
N.º 9, de «MAMEGO» . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, DROPE (da T. E.), MAMEGO

Com 14 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

LORD DÁ NOZES (9), AULEDO, AVIARDO, VIRIATO SIMÕES, (8)

OUTROS DECIFRADORES

D. SIMPATICO (T. E.) (5)

DECIFRAÇÕES

1—*SOTERNOCAMENTE*, 2—*pécora*, 3—*paulina*, 4—sestroso, 5—(anulada), 6—*guaia*, 7—tamina, 8—cruel, 9—*taboia*, 10—dolar, 11 serrazina, 12—polea, 13—sermão, 14—cochichola, 15—recacho.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.os 4 e 6, de AFRICANO e AVIEIRA, com 3 decifradores cada uma.

CHARADAS EM VERSO

(Para derrubar o Camarão *por K. O.)*

1

Especula, sem demora,—5
Qual o preço do sabão;
Deixa a «*teima*». por agora,—2
Trata da *investigação!*...

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

2

E' bem *simples* este mundo,—1
Não vale a pena chorar
Pois se a Vida são dois dias...
Só se deve aproveitar

Tudo o que lhe der Alegria!
E' rir, gosar!... Com franqueza:
Se a Vida não *chega* a netos,—1
Para que serve a *tristeza?*...

Lisboa — JAMENGAL

(Agradecendo a Mané Beirão*)*

3

Para cumprir um dever
De natural *cortezia*,—3
Embora um pouco tardia,
Aqui estou a agradecer.

Confesso, foi sem prazer,
Sem a menor alegria,
Que arrisquei a ousadia,
Pois, versos não sei fazer.

Porém, visto que *consente*—1
Que eu, a tanto, me abalance,
Fico, um pouco, mais contente

E vou fazer, não dum lance,
(Pois é mister sêr *prudente*,)
O que está ao meu alcance.

Lisboa — MARIANITA

4

P'ra um «*jogo de rapozes*» —2
Fui, há dias, convidado;
Alguem me disse:—«Não vás...»
Um *laço* está preparado.—1

Ao vêr toda a garotada,
Fiquei demoralisado,
Perdi, logo, a transmontana,
Fiz um jogo *excomungado!*

Caldas da Rainha — MOVELHO

(Aos edipistas do Domingo *e ao seu dignissimo Director)*

5

Meus senhores, ouvi! Ouvi o que vos digo
E âtentai que sou um vosso bom amigo.

Vós sois de rijo pulso e eu vou p'ra o vosso lado;
Serei, segundo julgo, explendido soldado...
Por isso quero honrar-me e sonho co'a vitoria
Julgando ter *aí*, a minha maior gloria!—1

Pois então, para a frente! O campo, ei-lo bem largo
Eu desempenharei, sem temor, o meu cargo.
Aprontai-vos, herois, para grande batalha.
Preparai, com afan, a pezada metralha!

Serei, portanto, mais um fero lutador
Nas batalhas que vós travais, com tanto ardôr,
E, apesar-de par'cer *coisa insignificante*,—1
Ao cabo desta luta imensa e fulgurante

Iremos, folgazões, em passeio de estalo,
Montando, cada um, o seu nobre " *cavalo* ",
Restaurar a saúde, um tanto amarfanhada,
Numa valente, rija e franca patuscada!...

Lisbôa — VISCOND X

ENIGMA

6

Com êste nome bonito,
A minha mãe me dotou;
Pois encerra tanta coisa...
Ora, vejam o que eu sou:

Uma *sopa de hortaliças*
E «*mulher*», bem podem crêr;
Tâmbem «*planta*», muito linda,
E bom «*peixe*», p'ra comer.

O meu nome é muito rico,
E' dotado de gagé...
Para findar, sou, ainda,
A deliciosa *agua-pé!*...

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM FRASE

(A' invencivel confreira Mamego*)*

7 V. Ex.ª, conheceu aquela *mulher formosa* que, além da *insignia de varias ordens militares e religiosas*, tinha o *setimo grau do rito maçonico francês?*—2—1

Cascais — ANELE

8 *Até ali* não me tinha dito, *a mim*, algo sobre o *divorció*.—1—1—1

Lisboa — AVIARDO

9 Aquele *perigo* é o *unico* que se torna *arriscado*.—2—1

Lisboa — CALTAR

10 Fomos a Africa para trazer uma «*ave*» mas, á entrada da barra, encalhâmos numa *rocha*, mesmo á hora da *comida*.—2—2

Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

(Aceitando a competição provocada pelo Visconde da Relva*)*

11 Apesar do seu titulo honorifico, eu *demonstro terminantemente com razões* de peso que a «carocha» não come «*peixe*»! Por isso' *tudo que provoca* na sua sua charada, lhe é devolvido.—2—2

Lisboa — DROPÉ (T. E.)

12 Quem *acusa*, sem *remorso* um inocente, merece ser *censurado*.—3—1

Lisboa — LORD DÁ NOZES

13 Pela tua «*carta*», constatei que foi por *inercia* que não colheste a «*planta da India*»—1—2

Lisboa — SANCHO PANÇA

14 Lá porque a *vejo de relance* não julgues que quero a *tua prosada*.—2—1

Lisboa — SATURNO

15 Se queres ter saude, *bebe* menos vinho e toma mais *caldo*. Recebe este conselho e um *apertode mão* de—2—2

Lisboa — SPARTANUS

IMPRENSA

O CHARADISTA.—Recebemos e agradecemos o n.º 27 que, como sempre, se apresenta com belo aspeto grafico, inserindo explendida colaboração literaria e charadistica.

OS SPORTS ILUSTRADOS.—Recebemos dois exemplares deste jornal de critica desportiva que, alem de interessante colaboração, insere uma optima secção de «Palavras Cruzadas» dirigida pelo nosso antigo colaborador Ayala Botto, a quem enviamos os nossos agradecimentos pela gentileza da oferta e pelas amaveis palavras que nos dirigiu.

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

A. GOSAFOL, AULEDO, AVIARDO, DOIS TORREJANOS, MARIDO, MULHER & FILHO, MENINA XÓ, PAUSANIAS, SPARTANUS, ZÈZINHO P. S.

DECIFRAÇÕES DO N.º 93

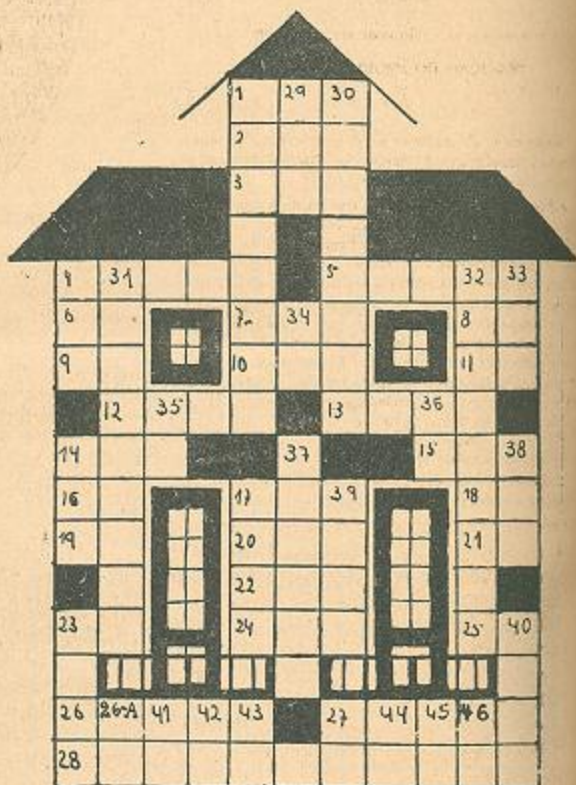
HORIZONTAIS.—1 capota, 2 iterar, 3 roera, 4 Erebo, 5 erro, 6 vai, 7 asas, 8 ata, 9 caira, 10 Aça, 11 dá, 12 marreta, 13 oi, 14 bala, 15 sena, 16 sare, 17 atou, 18 reis, 19 oras, 20 la, 21 brandas, 22 cá, 23 ele, 24 ameis, 25 pan, 26 gira, 27 aro, 28 lota, 29 ramos, 30 remar, 31 erosão, 32 airosa.

VERTICAIS.—1 creado, 6 vara, 9 caleira, 12 mareb, 14 bar, 19 odio, 22 catas, 25 pomo, 28 ler, 30 ri, 33 aorta, 34 pera, 35 oro, 36 ta, 37 te, 38 era, 39 resa, 40 abaco, 41 rosais, 42 sair, 43 ires, 44 atearás, 45 antas, 46 aos, 47 alegre, 48 ama, 49 fanara, 50 aliar, 51 nero, 52 ermo, 53 aos, 54 sã.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilustre colaborador «PAUSANIAS».

HORIZONTAIS.—1 «mulher», 2 pron. pess., 3 cabêlos brancos, 4 sôro do leite batido, 5 «ave» (pl.), 6 duas letras de «Nona», 7 trez letras de «cinco», 8 José (pop), 9 escarnece, 10 renque, 11 «pedra» (inv.), 12 perfume, 13 «terra portuguêsa», 14 cuidado, 15 indignação, 16 decifrei, 17 análogo, 18 «carta de jogar», 19 ainda, 20 anagrama de «Lei», 21 duas letras de «Gana», 22 força, 23 duas letras de «pés», 24 culpado, 25 o, 26 recanto, 27 lustra, 28 sistema filosófico que duvida de tudo.

VERTICAIS. — 1 aconselhar, 29 outorga, 30 afirmação, 4 maior, 31 anagrama de «Sinfonica», 32 punição, 33 não, 34 pron. pess. sing. (em franc.), 35 «nota», 36 nêsse logar, 14 além, 37 parte do mastro onde encapela a enxárcia rial, 38 protecção, 17 «instrumento», 39 travou, 23 «alimento» (pl.), 40 «animal», 26-A duas consoantes, 41 olha, 42 «instrumento» (inv.) 43 pôrco (inv.), 27 aqui (inv.), 44 estudei, 45 «Nota» (inv.), 46 duas consoantes.

CORREIO

AVIARDO.—Recebi tudo. Muito Obrigado.
VIRIATO SIMÕES.—Queira dirigir-se á Calçada do Duque, 25, onde lhe fornecerão todos esclarecimentos que deseja.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas *sem distinção* todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

A PENA DE TALIÃO

Em Addis-Abbeba, na Abissinia, há um terreno consagrado sómente á pena de Talião, que ainda tem força de lei, nêsse país. Para êsse terreno atira-se o criminoso, sobre o qual os parentes da vitima fazem justiça.

Frederico Bastos Gonçalves

Depois do concurso, em que marcou os seus profundos conhecimentos, com a alta classificação de «muito bom» (distinção), acaba de ser nomeado solicitador da comarca de Lisboa Frederico Bastos Gonçalves, que em seu pái, o conhecido solicitador Frederico Cardoso Gonçalves, tem encontrado sempre o melhor mestre, devendo, por isso, no largo e proficiente futuro que lhe augurâmos, continuar a boa fama que seu pái tem alcançado por seus méritos pessoais e conhecimentos do fôro.

AS LAMPADAS ELECTRICAS Condor SÃO AS MAIS ECONOMICAS E AS MAIS RESISTENTES.
Á VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

Varia

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 95

Por J. Dobrusky

Pretas (6)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em tres lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 94

1 T. 1 C R

Resolveram o problema n.º 93 os srs. Nunes Cardoso, ...tulmo Jordão, prof. Sueiro da Silveira e Grupo de Xadrez de Alpiarça.

Gremio Literario de Lisboa.—Os amadores de xadrez do Gremio Literario resolveram constituir-se em grupo organisado, com estatutos especiaes, ao qual foi atribuido o nome de «Grupo de Xadrez Damião de Odemira». Ainda que tardia é a primeira homenagem que em Portugal se presta á memoria do genial metre do seculo XVI.

Federação Portuguesa de Xadrez.—Continuam com entusiasmo os preparativos da sua organisação.

As cotisações estipuladas pelos Estatutos são:

«Socios colectivos»: (grupos isolados ou de Clubs). ...$00 annuaes por cada associado que contem.

«Socios protectores»: 60$00 por ano.

«Socios efectivos»: 30$00 por ano.

«Socios aderentes»: 12$00 por ano.

Todas as informações sobre o assunto podem ser pedidas ao encarregado desta secção.

Principes na ordem do dia

PARECE que quanto mais se democratizam as sociedades maior interêsse desperta na multidão tudo o que diga respeito á vida dos reis e principes, especialmente o que respeita á sua vida particular, á vida que os iguala aos simples mortais. Os magazines gastam páginas e páginas com retratos de membros de familias reais. Dir-se-hia que os povos sem reis sentem uma especie de nostalgia daqueles tempos em que, dentro das suas fronteiras, havia uma familia de gente boa de quem todos diziam mal, uma familia que todos conheciam de nome e de vista, uma familia onde apareciam de vez em quando filhitos pequenos, loiros e lindos, cujo nascimento era anunciado por tiros de peça e cuja morte, acidentalmente, podia ser anunciada por um tiro de carabina... Os povos que não teem reis são os que mais gulosamente saboreiam tôdas as indiscreções acêrca da vida dos soberanos estrangeiros.

Agora, há dois assuntos «principescos», que são dois belos assuntos de magazine: o casamento do principe herdeiro da Bélgica e a viagem aos Estados Unidos da rainha da Romania.

A princeza Astrid da Suecia e o duque de Brabante, Leopoldo, herdeiro da corôa belga, que se casaram ha dias

Os esponsais de Leopoldo da Bélgica, duque de Brabante, deram ensejo a uma cerimonia que os protocolos não prescrevem. Depois duma recepção oficial, no palacio de Bruxelas, aos altos dignitarios civis e militares, o rei Alberto e a rainha Isabel receberam os representantes dos jornais, e o rei, com a sua conhecida simplicidade, dirigiu-lhes o seguinte discurso: «A rainha e eu queremos anunciar pessoalmente á imprensa os esponsais do principe Leopoldo com a princesa Astrid da Suécia, filha do principe Carlos—Oscar, sobrinha do rei da Suécia por parte de seu pai, e sobrinha dos reis da Noruega e da Dinamarca, pelo lado materno. A princesa Astrid é uma jovem de grande cultura e de grande simplicidade, dotada das melhores qualidades.

Foi educada num país livre e democratico, como o nosso. Estou convencido que nada lhe custará adaptar-se á nossa vida nacional e conquistar tôdas as simpatias do povo. Os noivos teem-se encontrado frequentemente, de há seis mezes para cá. Tiveram ensejo de se conhecer bem e de se apreciarem, e foi com absoluta liberdade e independência que tomaram a resolução de unir os seus destinos. Temos muito prazer em participar á imprensa êste acontecimento feliz para a dinastia e para a nação.

Esperamos que a princesa, que já consideramos como nossa filha, seja igualmente adoptada pela Bélgica como uma princesa belga sempre o foi.»

Em seguida, a rainha, em poucas palavras, insistiu sobre o caracter daquela união entre principes, dizendo: «Gostaria muito que desseis a saber ao nosso povo que se trata bem dum casamento de inclinação e que nenhuma consideração politica influiu na decisão que acabamos de participar-vos».

Vê-se que já vão longe os casamentos reais determinados pela diplomacia e dependentes das necessidades politicas.

O Duque de Brabante tem 25 anos e a princeza Astrid 21. Encontraram-se, pela primeira vez, em Março deste ano, durante uma estada do principe, incógnito, em Stockolmo. Viram-se depois em Paris, no palacio dos principes René de Bourbon, e na Belgica, no castelo real de Ciergnon, visinho da fronteira francesa. A cerimonia nupcial realisar-se-ha em Bruxelas.

•

A rainha da Romania é das soberanas que mais apreciam o libertar-se da vida da côrte. Não se passa um ano sem vir a Paris, onde toma parte em todas as manifestações da vida mundana, intelectual e artistica. Escritora e poetisa de merecimento, já foi recebida no Instituto de França e presidiu á representação duma sua obra na Opera. Este ano vai ao Estados Unidos e correu o boato de que faria cinematografo. Vai apenas visitar a America, para se instruir e para se divertir. E' possivel, no entanto, que tambem visite Los Angeles, a metropole do cinema. A rainha da Romania foi a primeira soberana que cortou o cabelo. Esse audacioso gesto foi seguido por inumeras princezas. A noiva de Leopoldo da Belgica e as suas irmãs, as princezas Margarida e Martha, e a sua prima, a princeza Ingrid, filha do principe real da Suecia, teem o cabelo cortado. O mesmo acontece com as princezas Maria José da Belgica, Helena e Irene da Grecia, Beatriz e Maria Cristina de Espanha.

Solução do problema n.º 94

	Brancas	Pretas
1	2-7	9-2
2	7-17	21-14
3	22-25	29-22
4	26-30	2-16
5	30-19-12-3-17-31-24-10	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 95

Pretas 3 D e 4 p.

Brancas 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 93 os srs.: Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Sueiro da Silveira, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo nosso bem conhecido colaborador «Neulame».

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

ESTOJOS DE MANICURE GRANDE SORTIDO

BASTOS SILVA, LIMITADA

RUA DE S. NICOLAU, 81 TEL. C. 155

Variedades

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournées» triunfais a atestarem o grande merito desse conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorisados. Films de primeira escolha. As usuaes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torna-la a preferida do publico.

Tivoli

O cinema elegante e aristocratico de Lisboa. O conforto e o bem estar dessa casa de espectaculos europeia. As maiores produções mundiais. O espectaculo mais internacional e mais moderno e civilisado de Lisboa. O grande ponto de reunião da sociedade «smarte». A melhor frequencia.

Central

O mais antigo cinema de Lisboa. O animatografo predilecto do velho publico «aficionado». As produções mais caras. Os grandes films internacionais. Salão confortavel e higienico. Frequencia escolhida. Preços baratissimos. Sucessos constantes.

Condes

Um dos maiores, mais luxuosos, e mais completos cinemas da Peninsula. As primeiras fitas dos grandes productores. O cinema preferido pela sociedade. Otima musica. Preços baratissimos em relação ao valor dos programas. Sempre estreias de merito com os grandes azes do «ecran» e as mais lindas estrelas.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pae dos cinemas lisboetas. Optimos films, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrencia. Amplissima e elegante sala.

Pathè Cinema

Um grande cinema popular—talvez o maior de Lisboa e o mais importante deste genero. Fitas de maior sucesso e renome. Charlot, Douglas, Fairbanks, todos os «azes» e estrelas mundiais passam no salão da Rua Francisco Sanches. Preços ao alcance de todos.

Apolo

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramatico do seu director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de peças e um espectaculo alegre e artistico.

Cosulich Line Para Providence (Via New York) e New York (directo) o paquete PRESIDENTE WILSON esperado a 20 de Novembro

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.da

CAES DO SODRÉ, 64, 1.º LISBOA Telef.: C. 3801 3502 e 3630

Actualidades gráficas

OS ANIMAIS NOTAVEIS

O chimpanzé Jimbo, que mantem o titulo de campeão mundial de tennis... entre os macacos...

A FOTOGRAFIA A SERIO "A' LA MINUTE"

Para satisfazer as necessidades duma reportagem grafica rapida, inventou-se este engenhoso «side-car» —camara escura, onde o fotografo sem perda de tempo manipula os clichés tirados

OS ANIMAIS NOTAVEIS

O urso Petz, operador cinematografico... «operando» um film de actores humanos...

P.e ANTONIO MANUEL DA SILVA PINTO DE ABREU

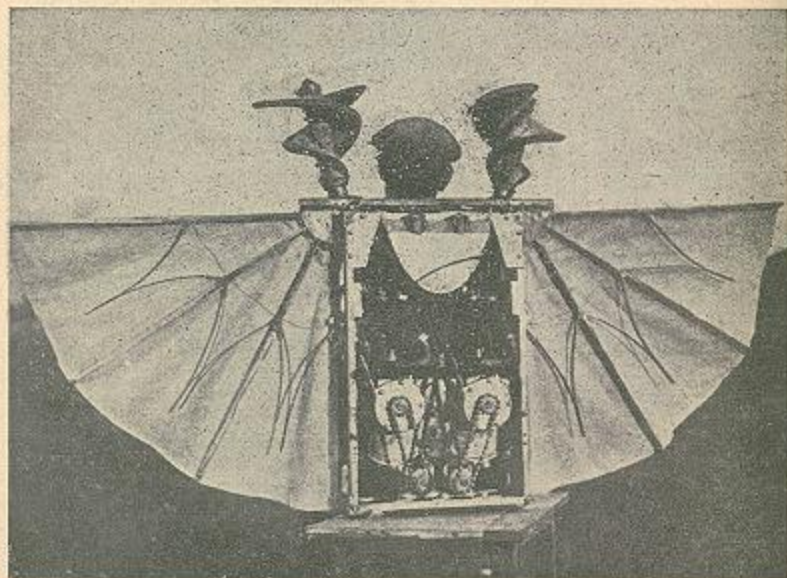
Fundador e director do Colegio Vasco da Gama, o mais florescente e o mais moderno dos nossos estabelecimentos particulares de ensino.

DR. LUIZ G. DA SILVA PINTO DE ABREU

Fundador e director do Colegio Vasco da Gama, o preferido pela nossa melhor sociedade, pela educação esmerada que ali se ministra.

A DANÇA MODERNA

Uma interessantissima pose da dançarina acrobatica Sily Janlys

A NOVA AVIAÇÃO

O curioso invento do «Homem passaro», do engenheiro Anton Lutsch, aparelho individual para voar.

ESCOLA ACADEMICA

Fundada em 1 de Outubro de 1847

A mais antiga e conceituada escola particular do país

20, CALÇADA DO DUQUE
Telef. Norte 2619

CALÇADA DA GLORIA, 37
End. teleg. ***Academica-Lisboa***

LISBOA

Edificios propositadamente construidos. Internato modelar. Alunos internos separados dos alunos externos. Lavanderia mecanica. Roupas rigorosamente desinfectadas; lavagem perfeita. Banhos diarios de aspersão, frios o mornos. Alimentação escolhida, variada e abundante. Vacaria pertença da Escola; leite integro e puro. Padaria dentro do edificio. Farinhas puras; pão higienicamente manipulado. Banhas e carnes ensacadas da mais absoluta confiança; tabríco dentro da escola, perfeito e cuidadoso. Tudo que interessa á saude e bem-estar dos alunos, está sujeito a seguida e permanente vigilancia medica. Jogos desportivos. Campo de jogos numa quinta pertencente á Escola.

MEDICO COM RESIDENCIA DENTRO DA ESCOLA

A Secretaria encontra-se aberta todos os dias uteis das 10 ás 17 horas. Admitem-se alunos internos, semi internos e externos.
Instrução Primaria, Curso Comercial e Curso dos Liceus.
Remetem-se gratuitamente, para qualquer ponto, brochuras com todas as condições de matricula e disposições regulamentares.
Resultados dos exames no ano lectivo de 1925-1926:

APROVAÇÕES	142
PASSAGEM POR MÉDIA	294
REPROVAÇÕES	18

Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161

LISBOA

Abertura da Estação de Inverno

Com grandes exposições, abriu esta casa á sua numerosa clientela a ESTAÇÃO DE INVERNO, expondo as mais recentes novidades nacionais e estrangeiras em todos os seus artigos.

Está igualmente exposta a sua grande colecção de modelos em vestidos e manteaux.

BALÕES

DISTRIBUEM-SE ÁS 3.as E 6.as FEIRAS, MEDIANTE O TALÃO DE 30$00 ESCUDOS

Deite os remedios fóra

PARA TER SAUDE, BEBA SÒ

Aguas de Castelo de Vide

a melhor agua medicinal de mesa em garrafões de 5 litros
Alivio imediato nas doenças de

Estomago, Intestinos e Figado

Pode ser tomada com vinho ás refeições como excelente bebida

Empreza das Aguas Alcalinas Medicinaes de Castelo de Vide

RUA DO ALECRIM, 73

Tel. 4166 C. DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

Telefone 1094 N.

FUNERAES
SIMPLES E LUXUOSOS
SERVIÇO PERMANENTE
MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO
131, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

CARDOSO

TEFEF. 333 C.

134, RUA DA PRATA, 136
LISBOA

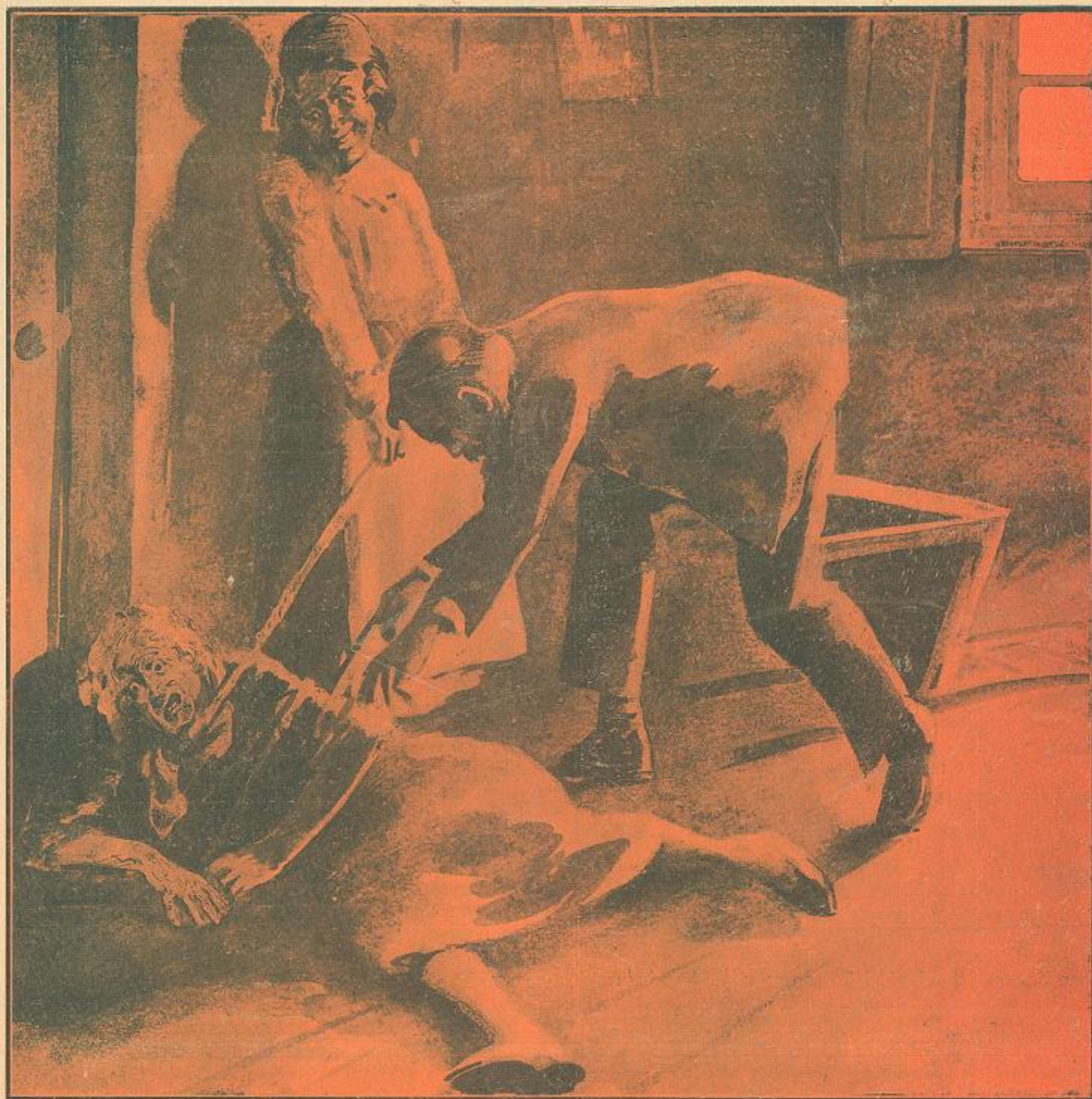
ABERTURA DE ESTAÇÃO COM MODELOS DE CHAPEUS ADQUERIDOS EM PARIS

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

AS FERAS HUMANAS!

Uma pobre octogenaria é induzida pelos hospedes a vender-lhes o predio onde habita. Apossados do predio, infligem-lhe os peores tratos.